

Comentários introdutórios sobre Josué e Juízes

Introdução ao texto bíblico

Milton Schwantes

Resumo

O autor introduz a estes primeiros dois livros da obra deuteronomista e destingue três unidades maiores de sentido: Js 1-12 (terra como dádiva de Deus), Js 13 até Jz 2 (terra distribuída: dádiva de Deus) e Jz 3-21 (guerra de defesa que liberta do saque). Josué e Juízes representam a utopia profética. A esperança não vem depois do fim, mas reside no começo da vida, aqui dos caminhos do povo de Israel. No canon hebraico, Josué e Juízes são parte dos livros proféticos!

Palavras chave

Bíblia – Josué – Juízes – obra deuteronomista – utopia – guerra santa – conquista – terra – libertadores

**Professor da FaTeo e do
Programa de Pós-Graduação
em Ciências da
Religião/Umesp. Ênfase de
pesquisa: Antigo Testamento.
Doutor em Teologia pela
Faculdade de Teologia
Evangélica da Universidade
de Heidelberg, Alemanha.
Endereço eletrônico:
milton.schwantes@metodista.br**

Introductory commentary to Joshua and Judges

Introduction to the biblical text

Milton Schwantes

Abstract

The author introduces the first two books of the deuteronomistic work and distinguishes three large units of meaning: Joshua 1-12 (Land as a gift from God), Joshua 13 to Judges 2 (Distributed land: gift from God) and Judges 3-21 (War that frees from plunder). While the deuteronomistic work expresses, in its end, despair about the kingdoms of Israel (2 Kings 25), Joshua and Judges represent its prophetic utopia. Hope does not come after the end, but resides in the beginning.

Key-words

Bible – Joshua – Judges – Deuteronomy work – utopia – holy war – conquest – land – liberators.

**Professor of Old Testament in the graduate school of Religious Sciences and the School of Theology, Umesp. Doctorate in the area of Old Testament by Ruprecht-Karls Universität Heidelberg (Germany).
Electronic address:
milton.schwantes@metodista.br**

Comentarios introductorios sobre Josué y Jueces

Milton Schwantes

Resumen

El autor introduce a estos primeros dos libros de la obra deutereonomista y distingue tres mayores unidades de sentido: Js 1-12 (Tierra como dádiva de Dios), Js 13 hasta Jz 2 (Tierra distribuida: dádiva de Dios) y Jz 3-21 (Guerra que liberta del saqueo). Mientras la obra deutereonomista expresa, en su final, desesperanza sobre los reinados de Israel (2 Rs 25) Josué y Jueces representan su utopía profética. La esperanza no viene después del fin, sino que reside en el comienzo.

Palabras clave

Biblia – Josué – Jueces – obra deutereonomista – utopía – guerra santa – conquista – tierra – libertadores.

**Profesor de Antiguo
Testamento del programa de
pos-graduación en Ciencias de
la Religión de la Facultad de
Teología, Umesp. Doctorado
en el área de Antiguo
Testamento por la Ruprecht-
Karls Universität Heidelberg
(Alemania).
Correo electrónico:
milton.schwantes@metodista.br**

A profecia inicia em *Josué e Juízes*.¹ Não estamos muito acostumados a tal designação para estes dois livros. Ao sugerirmos juntar estes dois livros, estamos seguindo a tradição judaíta, que nos ensina a enxergá-los como um(!) livro profético, posteriormente subdividido em dois. Somados formam 45 capítulos (Josué: 24 capítulos, e Juízes: 22 capítulos).

O livro de Juízes, obviamente, dá *continuidade* a Josué. No famoso trecho de Josué 24 não termina um livro. Ele ainda continua, no mínimo, nos caps.1-2 de Juízes. Há, pois, um nítido nexos entre nossos 'dois livros' que, em seus tempos originários eram um só 'rolo'.

Este 'rolo' contém três assuntos claramente diferenciados: *Josué 1-12 e Josué 13 até Juízes 2* e *Juízes 3-21*. Três assuntos prevalecem nas 'origens' de Israel na terra que Javé doou.

Josué é um livro coeso. Isso não significa que nele não estejam contidas fontes de épocas diversas. Só quer dizer que as pessoas que o redataram tiveram o cuidado de lhe dar uma marcante coesão e conclusão. O mesmo, de modo geral, se pode dizer sobre o livro de Juízes. Também é coeso porque centrado na obra dos juízes-libertadores.

Estes nossos livros, bem como a literatura até 2Reis, pertencem, como nos

informa a ciência bíblica, à *Obra Histórica Deuteronomista*.²

Josué 1-12 - Terra como dádiva de Deus

O tema desta primeira parte de Josué é *a terra*. Esta é dádiva, dom de Deus.³ Se quisermos falar de 'terra conquistada', então no sentido de 'conquista' de Deus.

Uma das dificuldades na compreensão destes capítulos reside em que se tende a entendê-los como um tipo de 'reportagem' dos acontecimentos no 12º século. Mas isso é, em termos históricos, muito improvável. Afinal, a linguagem destes caps.1-12 não é antiga; antes é bastante recente, deuteronomística, típica do 7º ou 6º séculos. Recomendo, pois, entender estes nossos capítulos como vinculados aos propósitos libertadores das terras de Israel e Judá, ocupados de modo 'colonial' pelos assírios, e depois pelos babilônios, desde meados do 8º século até quase o final do 6º século. Estes são os 'cananeus' que se deseja derrotar, vencer e varrer!

¹ Norman Karl Gottwald, *As tribos de Iahweh - Uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C.*, São Paulo, Edições Paulinas, 1986, 931p.; José Luis Caravias e Marcelo de Barros Souza, *Teologia da terra*, Petrópolis, Editora Vozes, 439p. (Teologia e Libertação, 5/4); Luis Alonso Schökel, *Josué y Jueces*, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1973, 275p. (Los Libros Sagrados).

² Veja a respeito Martin Noth, "O deuteronomista", em *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, Nova Jerusalém, vol.10, 1993, p.13-183 [original: Überlieferungsgeschichtliche Studien - 1. Die sammelnden und bearbeitenden Geschichtswerke im Alten Testament, Halle, Max Niemeyer, 1943. 224p.]. Veja do mesmo autor *Das Buch Josua*, Tübinga, Paul Siebeck, 2ª edição, 1953, 151p. (Handbuch zum Alten Testament, 7). Veja também Shigeyuki Nakanose, *Uma história para contar... A páscoa de Josias - Metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Reis 22,1-23,30*, São Paulo, Edições Paulinas, 2000, 342p.

³ Veja a respeito Gerhard von Rad, "Tierra prometida y tierra de Yahvé en el hexateuco", em *Estudios sobre el Antigo Testamento*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1976, p.81-93 (Biblioteca de Estudios Bíblicos, 3); veja também Gerhard von Rad, *Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo, Aste, 2ª edição, 2006, p.290-298.

O *cap.1* abre o livro. E é marcadamente retomado nos capítulos finais. Digo capítulos, porque realmente no final do livro de Josué chegam a acumular-se as conclusões, a começar pelo *cap.22*, indo até o *cap.24*, e incorporando Juízes 1-2. Três capítulos de Josué (*cap.22-24*) e dois de Juízes (*caps.1-2*) dão fechamento a Josué 2-12 e 13-21. Isso mostra o quanto Josué é uma obra concluída, coesa.

O *cap.12*, a lista dos reis derrotados, funciona claramente como encerramento de uma parte, daquela iniciada no *cap.2*. Com o *cap.13*, inicia uma nova etapa: a da distribuição do território já tomado e, veja v.1-6, a ainda não conquistado, assunto que vai até Juízes 1-2. Portanto, justamente no meio do livro está seu centro, sua meta (*cap.12 e 13*), o que, igualmente, atesta que estamos diante de um livro solidamente arquitetado.

Na primeira metade do livro (*cap.2-12*), se percebe uma clara disposição dos capítulos, o que há de ter relação com a origem de certas composições maiores.

Os *caps.2-6* formam uma composição. Têm seu nascimento em diversos contos menores. O episódio de Raabe é a moldura:⁴ 2 + 6. Circunda outras narrações: a da passagem pelo Jordão num procissão da arca da aliança está mesclada à do memorial das doze pedras em *Gilgal*, nos *caps.3-4*, com que se visa memorizar que "Israel passou em seco o Jordão" (4,22). Estes *caps.3-4* são evi-

dente renovação do êxodo! E esta é vinculada a um lugar sagrado que não era templo, mas um santuário a céu aberto. A *Gilgal* não só são conectadas as tradições de arca, êxodo revivido, mas também a da circuncisão (5,2-9), e, mais, a da páscoa, a celebração da primeira festa da colheita na terra: "comeram do produto da terra" (v.12). Em 5,13-15 ainda temos um episódio que parece um tanto enigmático, podendo remeter talvez a Êxodo 3,1-6 e 4,24-26. Mas, ela parece bastante nítida em sua função: remeter ao "comandante do exército de Javé", ou seja o próprio Javé, como o único que guerreia, sem qualquer auxílio humano, sim sem que qualquer pessoa tire vantagem desta guerra. Esta breve e enigmática cena de 5,13-15 indica para o próprio cerne da teologia do livro de Josué. Sob esta condição, efetiva-se a conquista de Jericó. A cidade cai pela procissão (6,1-21)!

Os *caps.7-8* constituem nova unidade. Em 6,18 ela já está preparada, o que mostra uma mão redacional uniformizante. De resto o problema na não-conquista de Ai (*cap.7*) advém precisamente da desobediência à ordem de Josué, de não saquear nada das "cousas condenadas", ou seja dos metais preciosos.

O *cap.8* difere sensivelmente do *cap.6*. Naquele se celebrara o ritual procissional como 'arma' militar decisiva. Aqui, no *cap.8*, a astúcia militar, o manejo de táticas que favorecem um exército numericamente inferior é comemorado. O

⁴ Confira a respeito Mercedes de Budallés Díez, Raab-mulher da vida - Uma proposta de leitura feminista da mulher zonah no Antigo Testamento a partir da história de Raab (Josué 2), São Bernardo do Cam-

po, Universidade Metodista de São Paulo, 2002, 181p. (dissertação de mestrado).

cap.8 representa tradições mais antigas, menos teologizadas que o cap.6.

O cap.8 conclui com o altar no monte Ebal(!) e a leitura da "lei de Moisés" (v.30-35). Isso evidencia que os caps.2-6+7-8 representam uma certa unidade.

Víamos que os caps.7-8 ainda emergem de dentro dos caps.2-6 (veja 6,18!). Ora, com o cap.9 começa um outro grande complexo que, ao meu ver, chega a seu final somente na lista dos reis vencidos, no cap.12. Em 9,1-2 mencionam-se reis que se organizam para se rebelar contra Israel. Tal rebelião chega a seu final no cap.12: destes rebeldes não restou um só. Portanto, os caps.9-12 configuram a composição que interpreta política e sociologicamente a conquista: a conquista foi a derrocada das monarquias 'cananéis'!

O cap.9 se parece ao cap.8. Lá se elogiava a astúcia israelita, aqui se reconhece a dos gibeonitas. Alcançam estabelecer um acordo com os israelitas, que lhes garantem a vida. As 'cidades'-aldeias gibeonitas terão sido historicamente de suma importância, pois ocupavam, precisamente, parte de um corredor comercial na altura de Jerusalém.⁵

O cap.10 quer ser uma unidade: a partir da derrota do rei de Jerusalém e seus aliados (10,1-27), Josué vence todos os reis do sul (v.28-43). A conclusão é típica: "duma vez tomou Josué todos estes reis e suas terras" (v.42). Este capítulo se afunila, claramente, no

enfoque anti-monárquico, no que poderá ser algo mais antigo que os primeiros capítulos do livro. Josué vence e destróça reis. A conquista é o desalojamento dos reis cananeus! Nesse empreendimento, à semelhança de Juízes 5, participa o próprio cosmos em favor dos que enfrentam reis: ocorre chuva de pedra (10,11) e o próprio sol se detém (10,12-14), para que a vitória seja plena.

11,1-15 representa para o norte o que o cap.10 significa para o sul. Trata da vitória contra a coalizão de reis cananeus, sob a liderança de Hazor. Pelo visto, pouco se sabia das disputas no norte.

Em 11,16-23 temos um resumo. Refere-se tanto ao sul ("Seir" v.17), quanto ao norte ("ao pé do monte Hermom" v.17). Também aí é reforçado que a luta era contra reis e cidades (v.18 e 19).

Enfim, o cap.12 nos leva ao ponto mais alto desta primeira parte do livro de Josué: a lista dos reis vencidos "dalém do Jordão" (v.1-7) e "daquém" (v.8-24). A conquista foi, decididamente, vitória contra reis e cidades. Nesta perspectiva, o cap.12 propõe que seja lido o livro de Josué.

Com isso se encerra, no cap.12 e em sua lista dos reis derrotados, a temática iniciada no cap.9. Os reis que se dispuseram a rebelião (9,1-2) foram todos silenciados.

A terra foi liberta antes de tudo dos reis opressores. O cap.12 é o ápice desta perspectiva. A terra é libertada por gente oprimida, como Raabe, para pessoas oprimidas, com a ajuda dos ritos religiosos (páscoa, anjos, circuncisão, enfim o êxodo) dos mais fracos.

⁵ Confira a respeito Milton Schwantes, *As monarquias do antigo Israel – O estado monárquico no final do século XI a.C. – Um roteiro de pesquisa histórica e arqueológica*, São Leopoldo/São Paulo, Cebi/Paulinas, 2006, 85p.

A conquista?

Há uma questão história que, ainda que seja difícil, precisa ser colocada com clareza: *esta conquista, a rigor, não aconteceu do jeito que é apresentada em Josué*. É o que mostram, hoje, os estudos históricos. É verdade, há várias teorias históricas sobre os acontecimentos do 13º século a.C. Ainda que existam aí muitas divergências, e se bem que eu pessoalmente prefira a explicação dada por Norman Karl Gottwald⁶, parece-me haver um consenso unívoco: as montanhas palestinas só foram ocupadas no próprio 13º. para o 12º. século. Antes havia nelas algumas pequenas e insignificantes vilas e 'cidades' (Siquém, Jerusalém, Hebrom). Os primeiros assentados nas montanhas efetivamente foram as próprias tribos israelitas. Por conseguinte, a conquista das montanhas, historicamente falando, não ocorreu do jeito como é delineada no livro de Josué.

Aliás, as principais cidades, das quais se diz, em Josué, terem sido conquistadas por tribos israelitas, quais sejam: Jericó, Ai e Hazor, certamente nem mesmo existiam como centros urbanos no final do bronze (Jericó e Ai), ou se estavam precisamente dissolvendo neste período, em consequência de um processo típico de desurbanização do final do bronze (Hazor). Também por este motivo as narrativas de Josué não ocorreram do jeito dos textos.

Ainda assim permanece um problema: e a violência em Josué?

Havemos de aproximar-nos melhor do assunto, se nos dermos conta que a conquista mencionada por Josué tem a ver com a crítica radical aos reis. Ora, os textos de Josué a rigor não celebraram a conquista e morte de pessoas, mas a derrocada de um certo regime, como sendo o 'cananeu': a monarquia citadina. É o que temos justamente no cap.12, este ápice da primeira parte do livro, este centro do próprio livro. O cap.12 como que tem a função de uma porta. Uma vez aberta, arrebentada no caso, deixa passagem livre ao que lhe segue: o livre acesso à terra para as tribos israelitas. Então, é isso que está em jogo: demolir as monarquias militarizadas, idólatras e extorsivas, aquilo que o texto chama de 'cananeu'.

Contudo, disso deriva uma consequência quase inevitável. Ao serem anti-monárquicas, as narrativas terão que solucionar aquilo que são a fonte da monarquia, a água da qual bebem e se abastecem os reis. Uma destas fontes é a idolatria. Ora, contra ela se dirige toda a teologia do livro: alerta contra os ídolos, como razões que fazem perder a terra. Mas, e a outra fonte, o saque? Que fazer com ele? Afinal, o saque de guerra é uma das principais fontes de uma elite militar. Guerreia para saquear, para assim se manter para continuar a guerrear. Neste particular, o livro de Josué, e não só ele, recorre a uma antiga tradição, rejuvenesce-a e a reafirma de modo intransigente: a do herem, da condenação da efetivação de qualquer saque, considerando que tudo deve estar dedicado a Deus, o que

⁶ Norman Karl Gottwald, *As tribos de Iahweh*; Milton Schwantes, *História de Israel – Local e origens*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, 1984, 166p.; veja outra proposta em Martin Noth, *Historia de Israel*, Barcelona, Ediciones Garriga, 1966, p.141-153.

implicava no massacre de todos os seres vivos, pessoas e animais, e o recolhimento de ouro e prata para dentro do templo, enfim sua dedicação ao próprio Deus. Em 1Samuel 13-14, isso também está em debate. As forças mais conservadoras justamente insistiam neste ponto: nenhum saque! Ora, o saque é uma das fontes de manutenção de uma monarquia. Assim se entende que há, no livro de Josué, uma estreita relação entre o anti-monarquismo e a devastação de tudo que fora conquistado.

Claro, isso é uma tese teológica, não é necessariamente real. Pois, no real nem mesmo houve a conquista, como descrita em Josué, e nem mesmo se tinha condições reais de efetivar tais massacres. Aí quase só temos desejos, quase nada de realizações. Isso não soluciona o assunto da violência, mas o dimensiona e contextualiza.

Josué 13 – Juízes 2 – Terra distribuída: dáviva de Deus⁷

Em *Josué 13 até Juízes 2* temos um novo conjunto literário. Seu tema é a destinação da terra. E também este se apresenta bem organizado.

Nele há, de saída, dois aspectos que o diferenciam da unidade anterior (caps.(1)2-12). Josué já não é o comba-

tente. É “já idoso” (13,1). Ora, é o idoso, o ancião aquele que dá destinação às heranças. A terra é repartida sob a forma de herança recebida do combatente e libertador Josué, tornado ancião. Ele também recebe herança, um pedacinho de terra, para sua vida e sepultura (19,49-50). Já se vê por aí que Josué está estilizado como *não-rei*. Pois um rei cuida de sua sucessão para sua própria família. A ‘família’ de um libertador como Josué não é sua dinastia, mas seu povo, as tribos. Eis, uma diferença marcante entre o projeto deuteronomista-messiânico e a realidade da realeza que levou Israel ao exílio.

Josué age em consonância com Moisés. (Veja por exemplo 13,8!) O que faz, provém de tradição anterior a ele mesmo. Vem do profeta-padrão, Moisés.

Nestes capítulos, as fontes literárias certamente são muito diferentes. E isso se espelha nas próprias unidades. Há quem identifica duas como básicas: aquelas que se concentram em limites de territórios tribais, e aquelas que listam localidades situadas dentro de certo limite. Por um lado, a tribo é vista desde seus contornos. Por outro lado, é caracterizado a partir de seus conteúdos.

O cap.13 está voltado a introduzir ao todo (v.1-6) e a retomar as decisões já tomadas por Moisés e agora efetivadas por Josué a respeito (o que aliás retorna ao cap.22, e já estivera presente no começo, no cap.1). O enfoque principal recai sobre Manassés, Gade, Rúben, Levi.

Nos caps.14-15, o tema é Judá. Novamente temos uma introdução (v.1-5), o que mostra estarmos aqui diante de conjuntos literários próprios. Hebrom é tema de particular importância: está em

⁷ Veja Martin Noth, “Studien zu den historisch-geographischen Dokumenten des Josuabuches” (1935), em *Aufsätze zur biblischen Landes- und Altertumskunde*, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1971, vol.1, p.229-280. O mesmo autor aborda o assunto deste seu ensaio em *Historia de Israel*, Barcelona, Ediciones Garriga, 1966, veja em especial p.76-89.

14,6-15 e em 15,13-19. Afinal, Hebrom era centro da Grande Judá, mas não era propriamente judaíta, e sim calebita, o que é explicado nestas passagens. Em 15,1-12 são apresentados os limites de Judá, em 15,20-63 suas 'cidades'/aldeias.

Outra unidade maior são os caps.16-17. Correspondem aos caps.14-15, dedicados ao sul. Estes, agora, estão voltados ao norte, aos filhos de José: Manassés, Efraim, Maquir. Também aí temos descrição de limites, e simultaneamente heranças como tais.

Nos caps.18-19, procede-se de modo um pouco sumário. Todas as demais tribos recebem suas terras a partir de um sorteio, feito em Silo após haverem sido identificadas as sete partes. Ênfase maior recai sobre Benjamim, com delineamento de fronteiras tribais e de sedes aldeãs (cap.18).

Nova unidade temos nos caps.20-21. Sua ênfase são peculiares. No cap.20, são descritas as cidades refúgio, que hão de representar tradições antigas. No cap.21, temos as cidades dos levitas, o que talvez corresponda a uma realidade criada somente nos tempos da reforma josiânica.

O cap.22 de certo modo remete de volta ao cap.13. Trata-se do regresso das tribos transjordanianas. Junto ao Jordão erigem um altar-memorial que quase leva a um conflito com as demais tribos, só solucionado quando dito altar-memorial é afirmado inequivocamente como javístico.

Os caps.23-24 reúnem discursos (tardios, deuteronomistas) de Josué, já idoso, apelando ao cumprimento da lei para que a terra seja preservada. Seguir outros deuses é perder a terra (v.16). No

cap.24 trata-se do pacto em Siquém em favor de Javé: "eu e minha casa serviremos a Javé" (v.15).

Juízes 1-2 ainda dão continuidade a esta finalização da tomada da terra, mencionando novas terras em poder de Israel e, em especial, citando outras que não ficaram sob seu domínio.

Nesta segunda parte de Josué, a terra é destinada às famílias, sob a proteção das tribos. Estas a protegem, defendem, organizam, sorteiam: 13,7; 14,1-2, etc. Mas, a terra é propriamente herança das famílias/*mispaḥot*: 13,29; 15,1, etc. Aliás, a primeira de todas as famílias a receber terra foi a de Raabe: 6,22-25.

Pode-se, pois, constatar efetivamente que Josué + Juízes 1-2 estão bem organizados. São textos coesos. E isso é assim ainda que se trate de uma compilação de uma grande quantia de fontes, por certo. Não são livros feitos pelo seu redator final. Antes são juntados a partir de um grande número de documentos e fontes diversos.

Ao tornar o livro assim coeso, até coerente, literariamente bem construído, os redatores, certamente, perseguiram um certo alvo: queriam dar um caráter documental, concluído, coeso e acabado àquilo que como memorial era *modelo, programa, esperança*. Tratando-se de um aspecto político e especialmente fundiário, o documento que lhe desse base teria que ser assim moldado, disposto de modo consistente, particularmente a distribuição da terra.

Faltam o altar e o rei, em meio a estas terras datadas às famílias. Estes dois contra-pólos são deveras típicos para a compreensão anti-tributária das tradições da posse da terra que prevalecem em

Israel. Ora, para Israel, finalmente reis e templos, as explorações tributárias do povo da terra são o começo do fim, do exílio, sob cujo impacto esta literatura de Josué e Juízes foi colecionada.

A terra tem os limites internos dados pela família. Está liberta se é posse familiar. Família necessita do território tribal. A tribo é a defesa suficiente da terra familiar. O estado parece ser proteção para a terra, mas não alcança executar esta pretensa tarefa. A monarquia é, antes, uma ameaça para a terra familiar.

Josué 24 (bem como caps.22-23) são o alvo de tudo, dizendo que *a terra é dom de Javé* e só dele. Este é propriamente o tema do livro, do cap.1 aos caps.22-24. A centralidade de Javé é, aqui, igualmente o próprio conteúdo da lei: 22,15! Este Deus da lei e da aliança é quem merece a devoção; os deuses dos 'cananeus' não devem ser nem mencionados: 23,7. Sim, um altar não pode ser para outro deus: 22,22! É Javé quem dá às tribos toda a terra, como no final da distribuição é novamente afirmado: 21,43-44. A lei/*torah* é para a vida, ela é vida. Seguindo-a, vive-se na terra, em bênção.

Juízes 3-21 - Guerra que liberta do saque⁸

Praticamente todo o atual livro de Juízes tem *o mesmo tema*. Há algumas variações de conteúdo, mas ainda assim

um mesmo assunto o abrange: *a libertação e a liberdade das tribos*.

Dentro deste mesmo assunto, o da vida marcada por tribos, podemos diferenciar três aspectos: libertadores e juízes são o assunto nos caps.3-12; em caps.13-16 temos uma história peculiar de um libertador e sua companheira: Sansão e Dalila; e, por fim, nos caps.17-21 as tarefas de libertadores e juízes é assumida por Israel, pelo conjunto. A este livro de Juízes a tradução grega (a Septuaginta) acrescenta o livro de Rute⁹ ("nos dias em que julgavam os juízes", Rute 1,1).

O termo "*Juízes*" para este nosso livro não é muito unívoco. Pois, a rigor "juízes" são aqueles administradores de conflitos intra-tribais mencionados em 10,1-5 e 12,7-15. A estes efetivamente se aplica o conceito "juízes", no sentido de mediadores de conflitos e de mantenedores da paz entre as tribos e entre grupos tribais. Costumamos chamar a estes de "juízes menores", para diferenciá-los dos "juízes maiores", que teríamos em Débora e Gideão e similares. Parece-me mais conveniente designar a estes *juízes da paz* de juízes, em nosso sentido atual, e de chamar aos outros, como Débora, Jael e Jefté, de *libertadoras e libertadores*.

Feitas estas distinções, observemos os conteúdos

As histórias dos libertadores vêm encabeçadas por *Otniel* de Judá (2,7-11). Este que inicia as histórias é de Judá.

⁸ Carlos Arthur Dreher, "Josué – modelo de conquistador?", em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, Editora Vozes, vol.12, 1992, 36-50; do mesmo autor: *O livro de Juízes*, São Le-

opoldo, Centro de Estudos Bíblicos, 1995, 26p. (A Palavra na Vida, 87).

⁹ Veja Carlos Mesters, *Rute*, Petrópolis, Editora Vozes, 1986, 67p. (Comentário Bíblico).

Lutou e resgatou a Israel de Cusã-Risataim da Mesopotâmia. Tal Otniel foge um pouco dos detalhamentos sobre outros libertadores, porque seus adversários estão tão longe, na Mesopotâmia, e porque é, no começo, o único libertador judaíta. (Veja ainda Abraão em Gênesis 14.)

Na narrativa sobre este libertador, Otniel, já se expressa, em que circunstância, o *redator* final de nosso livro vê colocados os libertadores. Quando "os filhos de Israel fizeram o que era mau perante o Senhor..., então a ira do Senhor se acendeu contra Israel" (Juízes 3,7-8). Os libertadores são alocados nesta seqüência temática de Juízes e também dos livros de Samuel e de Reis. Costumamos dizermos que este enquadramento temático dos libertadores e das libertadoras é deuteronomista.

A narração sobre *Eúde* (2,12-30) enfoca um 'herói' individual. Aí não se trata de uma ação coletiva contra um invasor opressor, no caso Eglon, rei moabita, mas de uma ação pessoal deste Eúde. Ele elimina o rei conquistador em circunstâncias mui peculiares, humilhantes talvez. Há nesta narração um tom de ridículo, ao qual o rei é exposto. De fato, reis não são o que parecem ser.

Uma nota breve se tem sobre *Sangar* (2,31) que venceu aos filisteus em cena 'heróica', ao feri-los com "agulhada de boi". Tem-se aí a impressão que as cenas de Sansão e Dalila (caps.13-16) estão sendo preparadas.

Ponto alto são os dois textos sobre a efraimita *Débora* e *Jael*, no *cap.4* e no

cap.5. O *cap.5*¹⁰, em forma de poesia hebraica, há de ser o texto mais antigo. Pode remontar ao próprio 12º século! Canta e conta a vitória dos israelitas, organizados por Débora e apoiados por Jael, contra os reis cananeus, uma vitória decisiva. Esta poesia tem frases, expressões e uso de vocabulário arcaicos que, às vezes, já nem temos condições de entender plenamente. O *cap.4* repete estes acontecimentos, encenados poeticamente no *cap.5*, em forma de narração. Nesta versão mais recente dos eventos, Barac, um colaborador de Débora, passa a ter maior destaque.

Estes primeiros quatro cenas de libertadores e libertadoras – Otniel, Eúde, Sangar e Débora – nada contam a respeito de seus personagens depois de seus atos heróicos. Ora, não o contam porque suas vidas voltaram a ser o que eram antes de suas ações contra os adversários invasores. Diferente são os cenários nas narrações que seguem, a partir do *cap.5*.

Os eventos libertários com *Gideão* são, inicialmente, da mesma tônica das anteriores (caps.6-9). Gideão a si mesmo se entende como pertencente "à mais pobre família em Manasses" (6,15). Vocacionado por Javé, este "pobre" Gideão foi à luta libertadora. E espantou aos midianitas invasores, em um cenário

¹⁰ Veja Carlos Arthur Dreher, *O cântico de Débora, Juízes 5 – Conflito social e teologia num episódio da história do Israel pré-estatal*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, 1984, 178p. (dissertação de mestrado); veja do mesmo autor "A formação social do Israel pré-estatal – Uma tentativa de reconstrução histórica, a partir do cântico de Débora (Juízes 5)", em *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Escola Superior de Teologia, vol.26, 1986, p.169-201.

típico de 'guerra santa'¹¹. Mas Israel vence, persegue e(!) saqueia seus adversários (7,25!). E aí - no saque! - começa o problema. Crescem intrigas entre tribos (cap.8). Nasce o pedido de Gideão fazer-se algo como um rei; "domina sobre nós", 'pede' Israel (8,22). Gideão nega tal pedido de dominar, mas, enfim e contraditoriamente, assume funções sacerdotais (8,24-35). E, finalmente, da descendência de Gideão forja-se o primeiro projeto monárquico sob Abimeleque (cap.9). Este é derrotado, e humilhado pelas palavras de Jotão (9,7-15). Ainda não foi desta vez que a monarquia se estabilizou, mas ela se encontra a caminho!

Cenário similar encontramos nos caps.10-12, na narração sobre *Jefté*. Adicione-se a ele que sua vida era vivida na marginalidade social; Jefté era perseguido pela própria família (11,1-2). Ao ser contactado pelos anciãos de Gileade para assumir a luta contra os invasores amonitas, estes lhe prometem ser-lhes "o chefe" durante toda a vida. Também aí se vê que a monarquia emerge. Jefté vence, como carismático, como lutador popular (11,29). Mas, na volta da batalha, a tragédia monárquica continua a se impor: sacrifica sua própria filha (11,34-40). Contra a violência invasora dos amonitas, as tribos implantam a violência em seu próprio meio. Do mesmo tipo é a violência dos gileaditas contra os efraimitas, em 12,1-6. As lutas dos libertadores eram contra invasores, agora passam a ser contra as próprias tribos!

¹¹ Cenário de conflito bélico, em que Javé luta do lado de Israel, sem que as pessoas entrem na luta. Dentro destes parâmetros é delineada a luta de Gideão e dos midianitas.

Gideão (caps.6-9) e Jefté (caps.10-12) propiciam, pois, cenas pré-monárquicas!

Entendo que as histórias sobre *Sansão e Dalila* (caps.13-16) enveredam, novamente, por trilhos tribais. Aqui temos narrativas sobre um representante de restos de clãs da tribo de Dã, que não acompanharam esta tribo em sua transferência para o extremo norte de Israel. Estes resíduos clânico-tribais não tinham nem o apoio de judaítas (ao sul), nem de efraimitas (ao norte) e nem dos filisteus (a oeste). No enclave entre estes grupos, lutam por sua sobrevivência na figura complexa de Sansão. As lutas e os amores de Sansão comovem quem lê. O anseio por autonomia, continuamente negada, também por Dalila, resulta em cenas libertárias que nos abrem sorrisos, mas também nos colocam diante da tragédia heróica deste Sansão que, mesmo preso e cego, destrói o templo idólatra de Dagon (veja cap.16). Este Sansão, em sua tragédia, não cabe do lado de Gideão e de Jefté, mas antes se assemelha às antigas libertadoras e libertadores!

Penso que os caps.17-18 e caps.19-20+21 podem indicar para a necessidade da monarquia¹², ainda que seja óbvio que esta justamente não impeça mas antes propicia cenas de atrocidades como as destes capítulos finais de Juízes. Estes

¹² Veja a respeito o interessante ensaio de Sandro Gallazzi, "Templo x mulher", em *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Editora Vozes, vol.29, 1991, p.64-78; e Sandro Gallazzi e Anna Maria Rizzante Gallazzi, "E violentaram também sua memória", em *RI-BLA/Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, Editora Vozes, vol.41, 2002, p.17-30.

capítulos finais de Juízes não podem, pois, ser entendidos como propaganda para a monarquia, porque seus conteúdos são as mesmas arbitrariedades típicas de reis e seus similares, como se lê nos caps.6-9 e 10-12. Em caps.17-18, trata-se da imagem de ouro, feita por Mica e o sacerdote levita por ele contratado, e de como os danitas, em seu traslado para o norte, levaram tanto a imagem de ouro quanto o sacerdote levita, para destiná-los a seu templo em Laís/Dã. Os caps.19-20 narram estupro, morte e esquartejamento da mulher do levita, o que motiva uma radical vingança de Israel contra os benjaminitas. Estes por sua vez, quase dizimados, resolvem raptar suas esposas (cap.21). Violências prevalecem.

Se os caps.17-18 e 19-20+21 tiverem como alvo a monarquia é, então, para denunciá-la!

Josué/Juízes, este primeiro livro *profético*, delinea *esperança*! Temos insistido demais em pretender fazer deles livros historiográficos. Não! Eles são proféticos! São contos para a esperança. Sua 'história' é a presente!

Esta esperança apela a três conteúdos: Javé é o doador da terra (Josué 1-12); a ela se tem acesso como dádiva (Josué 13-24 + Juízes 1-2); e, finalmente, sua melhor defesa é carismática não monárquica.

O que importa é que, nas variadas atualidades da história de Israel, as tribos sempre de novo hão de voltar e se con-

verter para esta perspectiva!¹³ Terra é dádiva, não se a obtém por compra. Reis atrapalham o acesso às terras e empobrecem as pessoas (1Samuel 2!).

Isso não são, em Israel, conteúdos históricos, mas esperanças proféticas, em especial expectativas do exílio: há que começar de novo, começando pela conversão! Para avançar, volta-se às origens.

Neste sentido, Josué/Juízes colocam Israel no trilho das esperanças. Não há esperança no final da obra, em 2Reis 25; este final permanece longe das terras da promessa, na Babilônia. A esperança não vem depois do fim, mas reside no começo. Por isso, *Josué/Juízes* são *utopia*.

Utopia nasce na conversão!

¹³ Veja Hans Walter Wolff, "O querigma da Obra Histórico-Deuteronomista", em *O dinamismo das tradições do Antigo Testamento*, São Paulo, Edições Paulinas, 1984, p.99-120.